

A noite de iguana [*The Night of the Iguana*] (1964) de John Huston (1906-1987)
Cine Clube, 15 Julho 2014, Biblioteca da FCT/UNL

“A longa noite com pele de iguana: a vida humana como *huis-clos* e ‘broken barriers’”

Christopher Damien Aurette

John Huston é o criador de um metafórico viveiro tropical no filme em foco. A metáfora tropical é válida, mesmo antes de o espectador vislumbrar a canicular paisagem mexicana; mesmo no meio de uma Natureza diluviana situada no estado de Virgínia onde até então o Reverendo T. Lawrence Shannon apregoava. Mesmo na igreja, onde sobe ao púlpito pela última vez no início do filme, o espectador pressente a existência de um opressivo viveiro humano, ou melhor, uma temperatura, ora sufocante, ora gélida, a oscilar de acordo com os acontecimentos vividos ao longo desta longa *noite reptiliana*. No sistema circulatório desta noite, eis uma fauna passional. Neste viveiro, descobrimos a febre e o pânico a que a fauna em questão se sujeita. Quanto ao reverendo, trata-se de um homem – patente já no início do filme – agitado, atormentado e armado de uma homilia pronunciada com o fervor de um revoltado, com o estridor de um *dies irae* a irromper da sua garganta rouca e vituperativa, que invectiva, quer o deus “senil” e “delinquente” a quem até então servia, quer os fiéis sentados à sua frente: acusadores, moralizadores, condenatórios. (Sabe-se que um encontro sexual entre o reverendo e uma jovem professora de religião está por trás desta cena inicial.) As paredes brancas, a nua arquitectura protestante do interior da igreja, a lividez condenatória e silenciosa das almas dos fiéis-juizes proporcionam o ambiente humano contra o qual Shannon reage e protesta, reivindicando para todos (para ele, principalmente, pois luta com a sua má-consciência), um deus de amor e não de mesquinha vingança. Mais levado pela sua solidão do que agressivamente sedutor, mais atormentado do que hedonista, mais auto-culpabilizante do que sexualmente dissoluto, mais auto-destrutivo do que vítima da comunidade humana que, contudo, o vilifica e a hierarquia clerical que o enclausura num hospital na sequência do seu colapso nervoso, eis, contudo um ser carnal em que o desejo e o álcool, a consciência moral e um estado de profunda insatisfação existencial se rivalizam. Na raiz desta insatisfação ferve um inconformismo instintivo e social *malgré lui*. À deriva, sobrevivente às suas próprias guerras internas, torna-se guia turístico. A ironia à Huston e à Williams reside no facto de este ser fundamentalmente desabrigado – esta alma errante – ser agora guia: não de almas em busca de redenção, mas, sim, de turistas americanas em busca do exótico, na costa oeste de um México que, por sua vez, atormenta os corpos e exaspera o espírito pelo seu calor extremo, pelos micróbios disentéricos e pela proximidade ameaçadora de um Éden não domado pelo convencionalismo moral das aventureiras cidadãs do país que se situa do outro lado da fronteira. Surgirá, neste contexto, a noite (a tal *noite de iguana*) durante a qual os seres, ora se tornam fantasmas, ora revelam os seus fantasmas pessoais, em que os poetas atingem a visão sublime da Terra como paraíso menor (embora consoladoramente real), em que os solitários, ora aceitam a solidão como um destino e uma peregrinação, ora descobrem que o seu desejo pode, sim, transformar-se em trégua, em cumplicidade, em casa. Huston revela isto tudo a partir de um guião da sua autoria, escrita em parceria com Anthony Veiller, decalcado sobre a obra dramática do dramaturgo Tennessee Williams (1911-1983) do mesmo título, que é, por sua vez, a refundição de um conto seu, ainda com o mesmo título, datado de 1948, com representações na Broadway em 1961. (Bette Davis desempenhará o papel de Maxine Faulk durante os primeiros meses desta produção.)

Eis um metafórico viveiro que é também um *huis-clos* contado em várias etapas (o interior da igreja, a camioneta que transporta as turistas americanas de denominação baptista – todas elas professoras de uma escola religiosa texana, chefiada por Judith Fellowes, a guardiã de temperamento canino da conduta moral do seu rebanho feminino que é dócil e obediente, menos a da sua sobrinha – uma adolescente que, entre emocionalmente volátil, sexualmente agressiva e calculosamente rebelde, lembra a Lolita (por sinal, com a mesma actriz, Sue Lyons) que Kubrick retratara no filme epónimo de 1962. É nestes sucessivos *huis-clos* que Huston retrata a cruel paisagem interior dos seres humanos que vivem nas chamas da sua própria consciência atormentada; manifestam o facto de todo o ser humano encarnar uma criatura com uma história por trás, isto é, ser uma criatura “damaged”/ferida no seu íntimo; e são hospedeiros do seu próprio inferno na *finitude infinita* do humano drama de existir. Entre as mulheres e os homens deste

filme jazem as trincheiras da incompreensão e da crueldade. Todavia, descobrimos nalgumas destas personagens – no tempo de um flash, num gesto, num olhar, até numa despedida – que a compaixão, a visão inesperada e até um amor libertador (e, porque libertador, potencialmente redentor) também despontam. Apercebemo-nos, então, de que os seres humanos fazem os seus próprios paraísos e os seus próprios infernos. Os filmes de Huston são disso testemunha. No caso desta *noite*, as personagens andam à procura de um abrigo que a sua própria humanidade lhes sonega. Andam à procura daquela casa metafórica que os seres humanos entre si persistem, porventura na maioria das vezes, em arruinar, demolir e perturbar. Eis o núcleo dramático desta *night* que deve tanto ao dramaturgo Williams como ao realizador Huston: os nossos braços são pontes e também cadeias. Huston filma este oscilar entre umas e outras, o todo filmado de acordo com as dimensões de um cosmos menor: sem herói, sem deus, sem absoluto, dotado, porém, da possibilidade de consolo de uma *noite* que promete ser finita e constituir, afinal de contas, um abrigo – mesmo provisório – contra o Sol esmagador da vida.

Com efeito, na última imagem do filme, a viúva Maxine Faulk (a dona do albergue *Costa Verde* – situada numa colina que dá para o mar Pacífico) e Shannon, o antigo padre, dão início a uma relação profissional (vão gerir juntos o albergue) que mal disfarça a sua cumplicidade afectiva. Todas as futuras descidas desde o cimo desta colina tropical rumo ao mar, e mesmo as descidas metafóricas rumo àquelas paisagens interiores que ameaçam destruir o ser humano, estarão doravante por conta dos dois em conjunto. Resta à Maxine a última deixa – entre angustiadamente realista e desenganadamente esperançosa – do filme. Após as suas descidas ao mar, haverá sempre a ascensão, que marca o regresso a casa, lá no alto da colina. Shannon teme não conseguir realizar a subida sozinho (os seus demónios só se afogarão com o auxílio do álcool, ao que parece, tornando a ascensão difícil e claudicante). Maxine responde-lhe: “I’ll get you back up, baby. I’ll always get you back up.” A ascensão é de ordem física e moral, amorosa e espiritual, bem se vê.

Assim temos o mote do filme, como reflexo do universo dramático de Williams que lhe subjaz: somos órfãos de nós próprios, ou exilados, ou perdidos. E tão convincente é a nossa perdição que nos parece ser uma condição congénita. A paz de cada ser humano não se conquista facilmente e, em caso afirmativo, só de modo fugaz. Contudo, portadores dos nossos paraísos quase perdidos e dos nossos infernos construídos, descobrimos, por vezes, à face da Terra, a *casa* possível.

“John Huston directed 37 features during a near half-century career among the first-rank of American filmmakers. His work ranges from cult films to perennial favourites including *The Maltese Falcon* (1941), *The Treasure of the Sierra Madre* (1948), *The Asphalt Jungle* (1950), *The African Queen* (1951), *The Red Badge of Courage* (1951), *Moby Dick* (1956), *The Misfits* (1961), *The Night of the Iguana* (1964), *Fat City* (1972), *The Life and Times of Judge Roy Bean* (1972), *The Man Who Would Be King* (1975), *Wise Blood* (1979), *The Dead* (1987) as well as two distinguished war documentaries — *The Battle of San Pietro* (1945) and *Let There Be Light* (1946).

John Huston began working in the movies as a screenwriter. Among his credits are such renowned and commercially successful scripts as *Jezebel* (1938), *Juarez* (1939), *Dr. Ehrlich’s Magic Bullet* (1940), *High Sierra* (1941), and *Sergeant York* (1941); and he worked with top directors at Warner Bros. including William Wyler, Anatole Litvak, William Dieterle, Raoul Walsh and Howard Hawks.” (In: <<http://diaryofascreenwriter.blogspot.pt/2013/11/john-huston-poetry-of-failure.html>>

“[T]he directing of a film, to me, is simply an extension of the process of writing. It’s the process of rendering the thing you have written. You’re still writing when you’re directing. Of course you’re not composing words, but a gesture, the way you make somebody raise his eyes or shake his head is also writing for films. Nor can I answer precisely what the relative importance, to me, of the various aspects of filmmaking is, I mean, whether I pay more attention to writing, directing, editing, or what—have—you. The most important element to me is always the idea that I’m trying to express, and everything technical is only a method to make the idea into clear form. I’m always working on the idea: whether I am writing, directing, choosing music or cutting. Everything must revert back to the idea; when it gets away from the idea it becomes a labyrinth of rococo.” (Excerto da entrevista a John Huston patente em: <<http://cinearchive.org/post/50595407615/how-i-make-films-interview-with-john-huston-film>>

<p>PORTAIS EM TORNO DO REALIZADOR</p> <ul style="list-style-type: none"> • http://www.imdb.com/list/ls059678556/ • http://en.wikipedia.org/wiki/John_Huston • http://www.theyshootpictures.com/hustonjohn.htm • http://cinearchive.org/post/50595407615/how-i-make-films-interview-with-john-huston-film • http://www.theguardian.com/film/john-huston • http://parallax-view.org/2009/05/13/john-huston-withholding-judgment/ • http://diaryofascreenwriter.blogspot.pt/2013/11/john-huston-poetry-of-failure.html • http://www.nytimes.com/learning/general/onthisday/bday/0805.html?scp=1&sq=John%20Huston%20dies&st=cse 	<p>PORTAIS EM TORNO DO FILME</p> <ul style="list-style-type: none"> • http://www.imdb.com/title/tt0058404/ • http://www.imdb.com/title/tt0058404/fullcredits/ • http://www.imdb.com/title/tt0058404/plotsummary • http://en.wikipedia.org/wiki/The_Night_of_the_Iguana_(film) • http://kickass.to/the-night-of-the-iguana-1964-eng-multisubs-t6205555.html • http://en.wikipedia.org/wiki/The_Night_of_the_Iguana (Em torno da obra dramática de Tennessee Williams, do mesmo título, escrito em 1948)
--	--

BIBLIOGRAFIA IMPRESSA: Brill, Lesley. *John Huston's Filmmaking*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

PORTAIS EM TORNO DO DRAMATURGO TENNESSEE WILLIAMS (1911-1983):

- <http://www.tennesseewilliamsstudies.org/>
- http://www.dmoz.org/Arts/Literature/Drama/20th_Century/Williams,_Tennessee/
- http://en.wikipedia.org/wiki/Tennessee_Williams
- <http://www.findagrave.com/cgi-bin/fg.cgi?page=gr&GRid=1111>
- <http://www.ibdb.com/person.php?id=8822>